

## ESTADO DA ARTE DAS REDES DE APOIO AO ALEITAMENTO MATERNO COMO MOVIMENTO SOCIAL E COMO POLÍTICA PÚBLICA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA <sup>1</sup>

*STATE OF THE ART OF BREASTFEEDING SUPPORT NETWORKS AS A SOCIAL MOVEMENT AND AS A PUBLIC POLICY: AN INTEGRATIVE REVIEW OF THE LITERATURE*

Carolina Melo Römer<sup>1</sup>  
Maurício Tavares Pereira<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Instituto Federal Rio Grande do Sul – Campus Alvorada

**RESUMO:** O aleitamento materno é preconizado mundialmente, mas a sua prática está muito aquém do almejado. São inúmeros os fatores responsáveis por isso, mas a falta de apoio para amamentar, mais especificamente a falta de uma rede de apoio domiciliar ao aleitamento materno mostra-se como fator determinante. Este trabalho trata de uma revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados Scielo e Lilacs, onde buscou-se por resultados de pesquisas realizadas no Brasil com o tema aleitamento materno e rede social e/ou apoio social. Foram encontrados 1786 artigos que, após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, leitura dos resumos e/ou textos na íntegra, resultaram em 12 artigos publicados entre 2004 e 2015 para compor a amostra. A literatura refere-se às redes de apoio ao aleitamento materno como primária e secundária, sendo a primária a rede domiciliar e a secundária os profissionais da saúde, e que ambas devem trabalhar em concordância desde o pré-natal até o pós-parto com intuito de apoiar e fortalecer a mulher no seu amamentar. Inúmeras são as influências a que a nutriz está exposta durante o pré-natal e puerpério e é papel de rede de apoio, em especial a primária pela proximidade, esclarecer e incentivar a nutriz em prol de um amamentar pleno e tranquilo.

**Palavras-Chave:** Aleitamento Materno; Rede Social; Apoio Social.

**ABSTRACT:** Breastfeeding is recommended worldwide, but its practice is far below what is desired. There are numerous factors responsible for this, but the lack of support for breastfeeding, more specifically the lack of a home support network for breastfeeding, appears to be a determining factor. This work deals with an integrative review of the literature carried out in the Scielo and Lilacs databases, where we searched for results of research carried out in Brazil on the topic of breastfeeding and social network and/or social support. 1786 articles were found which, after applying the inclusion and exclusion criteria, reading the abstracts and/or full texts, resulted in 12 articles published between 2004 and 2015 to compose the sample. The literature refers to breastfeeding support networks as primary and secondary, the primary being the home network and the secondary being health professionals, and that both must work in agreement from prenatal to postpartum with the aim of to support and strengthen women in their breastfeeding. There are countless influences that the nursing mother is exposed to during prenatal and postpartum periods and it is the role of a support network, especially the primary one due to proximity, to clarify and encourage the nursing mother in favor of full and peaceful breastfeeding.

**Keywords:** Breastfeeding; Social network; Social support.

---

<sup>1</sup> Este artigo se baseia nos principais resultados do TCC do Curso de Especialização em Saúde Coletiva da 1ª autora, junto ao Instituto Federal Rio Grande do Sul, Campus Alvorada.

## INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza que o bebê deve receber aleitamento materno exclusivo (AME) até o sexto mês de vida e que somente a partir de então se deve iniciar a alimentação complementar nutritivamente adequada concomitante ao aleitamento materno que deve ser ofertado a criança no mínimo até os dois anos de vida (WHO, 2017), porém conforme o Banco de dados sobre Amamentação da OMS que acompanha 65% da população mundial menor que 12 meses, só 35% das crianças de 0 a 4 meses de vida recebem exclusivamente leite materno<sup>2</sup>. Uma das justificativas dadas pelas mães para a introdução da alimentação complementar ou de líquidos a dieta dos filhos e/ou a interrupção total da amamentação é a crença do seu leite ser fraco ou ter pouco leite (OMS, 2003).

Amamentar um filho depende de muitos fatores que podem influenciar positivamente ou negativamente no seu sucesso. As pessoas que rodeiam essa mulher, as informações que ela recebeu, a experiência que ela já teve ou presenciou, o profissional da saúde que acompanhou a gestação, o meio onde está inserida, tudo pode motivar ou não a mulher a amamentar (FALEIROS et al., 2006).

Mesmo determinada biologicamente, a amamentação é influenciada por fatores sociopsicoculturais. Entre estes fatores, encontram-se a opinião e o incentivo das pessoas que cercam a mãe, principalmente o pai e os avós maternos e/ou paternos da criança (SUSIN et al., 2005).

Alimentar um filho através de seu próprio leite não trata-se apenas de uma forma de nutrição, mas também de vínculo e proteção entre a mãe e o bebê, economia financeira e contribuição para a diminuição da morbimortalidade infantil (SILVA et al., 2011), mas amamentar com êxito perpassa um longo processo que é passado de geração em geração, rodeados de mitos, crenças e valores, influenciado pelo contexto histórico e a rede social em que a nutriz está inserida (ANGELO, 2015).

A rede social da nutriz se estabelece de duas formas, primária quando composta por familiares, vizinhos e o pai da criança, ou seja, estão em uma distância afetiva de curta a média amplitude; e secundária quando formada pelos profissionais da saúde que prestam cuidados a mulher durante o pré-natal, parto e puerpério (MARQUES, et al., 2010).

Sabendo da necessidade da interação familiar para que a mulher/mãe que amamenta obtenha êxito neste desafio de alimentar seu filho, que se faz necessário conhecer o que existe e/ou abrir campos para discussões de estratégias que ampliem e fortaleçam essa rede de apoio domiciliar para o aleitamento materno efetivo, de qualidade e saudável tanto para a nutriz quanto para seu filho.

Assim, reconhecendo a necessidade de estudar as redes de apoio domiciliar para a amamentação e as pessoas que compõe estas redes que o presente estudo tem como objetivo conhecer as pesquisas sobre as redes de apoio domiciliar brasileiras para o aleitamento materno.

## MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, esse método possibilita a síntese de múltiplos estudos publicados e conclusões gerais a respeito de uma área de interesse específica (MENDES et al., 2008).

Para tanto, percorremos algumas etapas neste percurso metodológico: identificação do tema pesquisado, definição dos critérios de inclusão e exclusão dos artigos encontrados, categorização dos estudos selecionados, avaliação destes

estudos, interpretação dos resultados e por fim sintetização dos conhecimentos obtidos em decorrência da pesquisa realizada (MENDES et al., 2008).

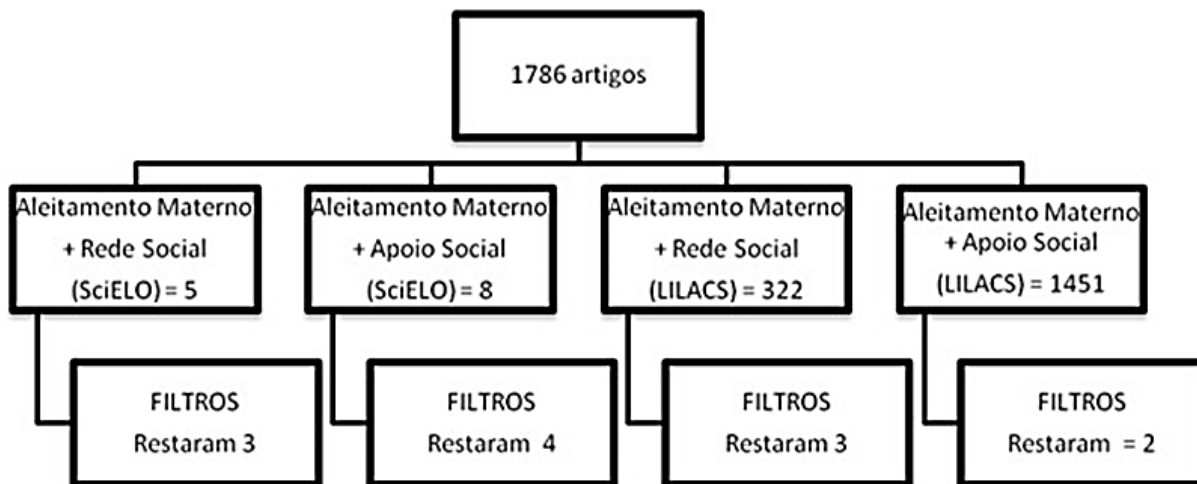
Para a composição da coleta de dados, além da questão norteadora sobre publicações referentes às redes brasileiras de apoio domiciliar para o aleitamento materno também buscou-se verificar nos estudos se ocorre e como ocorre a formação desta rede e analisar a interação das mulheres quando da existência deste apoio domiciliar para a amamentação.

O levantamento dos estudos foi realizado nas bases eletrônicas de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Literatura Latino- Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), foram inclusos apenas pesquisas realizadas no Brasil, pois este é um dos critérios de inclusão neste estudo. Os descritores em conformidade com os Descritores em Ciências da Saúde (DeSC) adotados foram: aleitamento materno, apoio social e rede social. Aleitamento materno foi utilizado como denominador comum em todas as pesquisas que se deu com a junção de um dos demais descritores.

Ao realizar a primeira pesquisa utilizando os pares de descritores compuseram a amostra 1786 artigos, aos quais foram aplicados os critérios de inclusão da pesquisa: publicações de artigos de pesquisas realizadas no Brasil e estar disponível gratuitamente na íntegra e em português.

Após essa etapa foram selecionados para análise 37 artigos, destes depois de realizada a leitura dos resumos e da exclusão dos estudos em duplicidade restaram 14 artigos para proceder à leitura na íntegra, a qual revelou que 12 artigos contemplavam a questão norteadora e esta foi a amostra que compôs o presente estudo, conforme descrito na figura 1.

**Figura 1** – Fluxograma das etapas de seleção da amostra.



Fonte: Os autores (2023).

A seguir, são apresentados os principais resultados da pesquisa.

## RESULTADOS

Relacionados ao delineamento da pesquisa, foram encontrados: 2 artigos de revisão de literatura, 3 de abordagem quantitativa e 7 estudos qualitativos, a soma destes então compõe o presente estudo, 12 artigos que foram publicados entre 2004 e 2015, sendo o advento deste tema partir de 2010, e 2015 o ano de maior número de publicações relacionadas ao tema, três artigos conforme mostra a quadro 1.

**Quadro 1 – Artigos sobre rede de apoio domiciliar para o aleitamento materno.**

<b>Autor / Ano</b>	<b>Abordagem Metodológica</b>	<b>Desenho do Estudo</b>
Machado et al. (2004)	Qualitativo	Estudo descritivo realizado em Minas Gerais com 10 mulheres, sendo 5 puérperas com filhos de até 6 meses e as outras 5 eram suas respectivas mães, por entrevista semiestruturada buscando saber como mães e filhas/ nutrizes percebem e agem frente ao aleitamento materno.
Machado e Bosi (2008)	Qualitativo	Estudo exploratório realizado no Ceará com 13 mulheres que amamentaram seus filhos exclusivamente até os 6 meses, por entrevista individual em profundidade buscou-se compreender quais os apoiadores necessários ao AME.
Souza, Sousa e Tocantins (2008)	Qualitativo	Estudo com abordagem da fenomenologia sociológica realizado no Rio de Janeiro entrevistou 20 mulheres que vivenciaram a amamentação em 2005 onde buscou-se conhecer os envolvidos com a mãe durante amamentação.
Müller e Silva (2009)	Qualitativo	Estudo descritivo realizado em São Paulo com 14 mulheres com filhos até 6 meses, por entrevista semiestruturada que dentre outros elementos buscava saber sobre o apoio para a amamentação no ambiente doméstico.
Fujimori et al. (2010)	Qualitativo	Estudo descritivo realizado em S.Paulo c/ 12 mulheres que levavam seus filhos para consulta de puericultura, por entrevista individual buscando saber quem as ajudava na tomada de decisão sobre a alimentação do bebê.
Silva, Peixoto e Rocha (2011)	Quantitativo	Estudo transversal descritivo realizado em Alagoas com 25 mães de crianças de 0 a 6 meses de idade onde foram aplicadas questionários estruturados para conhecer a situação do aleitamento materno naquela população.
Silva, Santiago Lamonier (2012)	Revisão de Literatura	Estudo é uma revisão integrativa onde 44 publicações realizadas entre 1995 – 2010 nas bases Medline, Lilacs, BDNF e SciELO compuseram a amostra que buscou esclarecer sobre o apoio paterno para o aleitamento.
Morgado, Werneck Hasselmann (2013)	Quantitativo	Estudo do tipo seccional realizado no Rio de Janeiro com a avaliação de 294 binômios mãe/bebê quando as crianças tinham em média 4 meses de vida, para a coleta foi utilizada a prática de recordatório e a aplicação da escala de Medical Outcomes Study, onde buscou-se investigar a associação de rede e apoio social na alimentação do bebê.
Machado et al (2014)	Quantitativo	Estudo longitudinal realizado em Minas Gerais com 168 puérperas com filhos nascidos entre outubro/2011 e abril/ 2012 onde foram aplicadas escalas para avaliação dos fatores psicossociais que levam ao desmame.
Mazza et al (2015)	Qualitativo	Estudo descritivo realizado no Paraná com 9 nutrizes recrutadas por sorteio, mediante entrevista semiestruturada buscava-se saber sobre as representações sociais das nutrizes adolescentes sobre a amamentação.
Angelo (2015)	Revisão de Literatura	Estudo é uma revisão integrativa onde 21 artigos publicados entre 2002 – 2012 nas bases de dados Medline, Lilacs, BDNF, SciELO e RCAAP compuseram a amostra que buscou esclarecer sobre o apoio das avós para amamentação.
Prates et al (2015)	Qualitativo	Estudo descritivo realizado no Rio Grande do Sul com 21 puérperas que amamentavam seus filhos, mediante entrevista que buscava obter informações sobre quais os indivíduos que compõem a rede de apoio social para a amamentação.

**Fonte:** elaborado pelos autores (2020).

Todas as pesquisas foram realizadas no Brasil, pois este foi um dos critérios de inclusão na pesquisa, os estados que mais publicaram foram São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, cada um com duas publicações. No que concerne á autoria

das publicações os enfermeiros foram os profissionais que mais estiveram envolvidos como autores principais das pesquisas, oito no total, em seguida médicos em dois artigos, nutricionista e fonoaudióloga publicaram um artigo cada. Dos artigos selecionados as revistas de enfermagem também foram as que mais publicaram quatro artigos do total, em seguida temos as revistas de materno infantil e de saúde pública com duas publicações cada e por fim as revistas de pediatria, cuidado, saúde e educação e saúde coletiva publicaram um artigo cada.

## DISCUSSÃO

Atualmente é indispensável destacar o papel das redes de apoio ao aleitamento materno e quando falamos de rede, estamos englobando todas as pessoas que possam fazer parte deste processo, podem ser familiares, indivíduos da comunidade e profissionais da saúde (PRATES et al., 2015; FUJIMORI et al., 2010) e todas as influências que são exercidas, tanto da rede primária, como da rede secundária. Afinal estamos falando de saúde, de fortalecer as práticas para a amamentação e essa prática estão intimamente ligadas às crenças, valores, tradições e relações da rede da nutriz, rede que acaba por influenciar também as percepções dos processos saúde-doença, necessidade de cuidados e de como estes devem ser prestados (PRATES et al., 2015).

Devido a importância do papel executado que não se deve deixar de abordar a rede secundária de apoio a amamentação, pois essa rede composta pelos profissionais da saúde que acompanham a mulher desde o início da gestação até o puerpério precisa conhecer, inserir, envolver, valorizar a rede social de apoio domiciliar a mulher/mãe para que estes participem dos programas de incentivo a amamentação, participando e colaborando para o sucesso desta prática (PRATES et al., 2015) através do desenvolvimento de atividades educativas deste o início do pré-natal, buscando desvendar aspectos subjetivos que possam favorecer ou prejudicar o aleitamento (SILVA et al., 2011).

Num estudo realizado no Rio Grande do Sul (PRATES et al., 2015) sobre rede de apoio social para a amamentação os profissionais da saúde apareceram em poucas falas das participantes. Isso demonstra o quanto o profissional que embora inteiramente envolvido se distancia como influenciador do processo de amamentação. Corroborando com isso esta um estudo paranaense onde nutrízes adolescentes trazem o seu aleitar como uma obrigação imposta pelos profissionais da saúde (MAZZA et al., 2015). Há bastante tempo que o discurso de obrigatoriedade da mulher em amamentar esta ultrapassado, que se trabalha no fortalecimento do vínculo mãe/filho, nos benefícios para a saúde de ambos envolvidos, bem como nos benefícios econômicos não apenas para o binômio, mas também para a família e sociedade.

Tanto os profissionais da saúde que compõe a rede secundária, quanto os pesquisadores da temática devem perceber a mulher como sujeito de uma dimensão social, compreendendo o contexto em que ela esta inserida, as suas questões pessoais no que se refere a amamentação, não apenas quanto aos aspectos biológico, mas também em como ocorrem suas relações, se existem e quais são as condicionantes para o seu aleitar (MAZZA et al., 2015; SOUZA et al., 2009).

Os profissionais da saúde para obter a confiança das suas gestantes/nutrízes devem demonstrar seu respeito e apoio a estas mulheres, mostrar que estão ao lado delas favorecendo o ambiente, prestando-lhes informações e assim qualificando essa relação para que a mulher sinta-se atendida, acolhida e apoiada neste

momento de sua maternidade, estes elementos afetivos que integram a mulher ao profissional é que são diferenciais de uma experiência positiva nos serviços de saúde (MULLER; SILVA, 2009).

Mesmo a iniciativa Hospital Amigo da Criança recomenda a utilização de apoiadores ao aleitamento materno no pós-parto, estratégias como aconselhamento, auxílio nas dificuldades, nas crises de autoconfiança da nutriz, visitas, grupos de apoio e/ou mães orientadoras, envolvimento da rede primária na amamentação são algumas das estratégias incentivadas (SILVA et al., 2011), até porque não será o profissional da saúde que estará acessível à mulher no momento em que ela mais vai precisar de auxílio, orientação e apoio (FUJIMORI, 2010). Desta forma o que de mais relevante à rede secundária pode fazer é além de informar, atualizar, apoiar e esclarecer a mulher desde o seu pré-natal, parto e puerpério e trazer para esse espaço, junto dela todos os demais atores da sua rede social a fim de que juntos a amamentação seja apreciada, fortalecida, incentivada e apoiada por todos envolvidos (MORGADO et al., 2013).

Embora as práticas de promoção, proteção e apoio ao aleitamento materno sejam conhecidas, bem como a importância de novos paradigmas considerando a subjetividade e a individualidade de cada mulher para ações de incentivo (MULLER; SILVA, 2009), esta ainda é uma tarefa complicada, pois a amamentação depende de condições de vida e trabalho da mulher, do momento vivenciado por ela, experiências anteriores, trajetória cultural e social (FUJIMORI et al., 2010). Já não basta conhecer os inúmeros benefícios do amamentar, ações de incentivo e cunho social, familiar, político, econômico e institucional se fazem necessários (MACHADO; BOSI, 2008), através do apoio no domicílio, no ambiente de trabalho, na oferta de espaços adequados para amamentação, retirada e armazenamento do leite, licença maternidade de no mínimo seis meses e ações de educação permanente em saúde (MACHADO et al., 2014).

O incentivo que a mulher recebe de sua rede de apoio primária tem também um papel determinante na adesão e manutenção do aleitamento (PRATES et al., 2015), pois embora muitos considerem esse um processo instintivo, natural e biológico, na espécie humana tem se apresentado como facultativo (MACHADO et al., 2004). Não basta a mãe simplesmente querer amamentar, ela precisa ser apoiada e compreendida na sua particularidade sociocultural, será justamente o apoio e a participação de toda a sociedade que irá garantir a mulher seu amamentar, pois ela necessita não apenas de um ambiente favorável e apoiador, vai além disto, por que não trata-se apenas de alimentar seu filho, é a construção de uma nova identidade, a mulher agora também é mãe de um novo ser que esta sendo introduzido neste grupo social/familiar (FUJIMORI et al., 2010).

Uma rede domiciliar forma-se por elementos familiares como esposo, mãe, pai, sogra, irmãs, cunhadas, mas também amigos, vizinhos e outras pessoas que já tenham amamentado (PRATES et al., 2015; FUJIMORI et al., 2010), um estudo realizado em São Paulo trás essa pessoa com experiência prévia como um risco para a interrupção do aleitamento materno (FUJIMORI et al., 2010), pois ela reproduz a sua experiência e se não exitosa irá refletir seus anseios e angustias na atual nutriz, reforçando mitos e crenças desnecessários ligados a amamentação (PRATES et al., 2015). A ausência desta rede de apoio também é vista como um risco para o aleitamento materno, sua continuidade e exclusividade (MORGADO et al., 2013).

Num estudo realizado no Rio de Janeiro (MORGADO et al., 2013) quando mulheres foram indagadas sobre sua rede de apoio domiciliar para a amamentação

90% dela responderam poder contar com pelo menos um familiar e 80% com pelo menos um amigo, esse mesmo estudo averiguou que quanto maior o número de familiares que apoiam a nutriz para amamentar, menores são as chances da introdução de leites artificiais, ou seja, esse envolvimento da família melhora as taxas de aleitamento materno exclusivo.

As puérperas diante de algum problema tendem a buscar seus familiares para auxilia-las na resolução do mesmo, isso demonstra a força dos laços que essa rede de apoio tem para as mulheres (PRATES et al., 2015), em estudo com adolescentes os familiares também apareceram como os principais apoiadores da rede social para a amamentação (MAZZA et al., 2015), bem como no estudo gaúcho onde observou-se o meio familiar como o principal representante da rede de apoio domiciliar para o aleitamento materno (PRATES et al., 2015). Neste mesmo estudo as mães/avós foram as figuras de destaque neste papel de apoiadoras e segundo o artigo isso ocorre justamente por serem também mulheres, uma apoiando a outra (PRATES et al., 2015). Esse elemento de gênero também apareceu no estudo paulista onde as evidências apontaram que o suporte para superação das dificuldades do puerpério é ofertado por outras mulheres da família e demonstra ser decisivo para o exercício da maternidade, bem como a amamentação, tornando-se como uma referência para de suporte e valorização da mulher como nutriz que dedica mais tempo ao seu bebê e a amamentação (MULLER; SILVA, 2009).

As avós foram a figura feminina mais citada dentre os estudos, pois as avós que amamentaram seus filhos representam um modelo a ser seguido e é justamente no puerpério quando a mãe/avó busca ajudar, orientar e apoiar sua filha que acaba de se tornar mãe que o convívio aumenta e junto dele o compartilhamento de crenças e valores de mãe para filha (ANGELO et al., 2015). Esse também é o relato do estudo mineiro dizendo que o vínculo destas figuras propicia a transmissão dos valores e conhecimentos das mães/avós para as filhas/mães, muitas vezes a mãe transmite para sua filha aquilo que ela escutou de sua mãe, assim como o apoio, o suporte, o incentivo e a força para enfrentar os desafios e responsabilidades deste momento (MACHADO et al., 2004). Por ser a amamentação influenciada por fatores culturais ela é sim uma prática aprendida, ensinada de geração em geração e por isso cabe resaltar a importância de ensinar as avós, figura familiar de maior repasse geracional os benefícios e práticas adequadas de aleitamento materno para que assim haja diminuição do desmame precoce e essa figura torne-se auxiliadoras e incentivadoras incondicionais da amamentação (ANGELO et al., 2015).

Os pais, progenitores das crianças a serem amamentadas também estiveram em evidência nos estudos sobre rede de apoio domiciliar para o aleitamento materno, em um estudo de revisão ele apareceu como o suporte de maior relevância no aleitamento diante de uma perspectiva materna, esse mesmo estudo diz que o homem tem sido mais atuante em seu papel de pai, mas que os profissionais da saúde não estão capacitados para recebê-los como participantes neste processo do pré-natal e puerpério de suas esposas (SILVA et al., 2012).

Corroborando em parte com o estudo supracitado um estudo de São Paulo relatou que o envolvimento do marido, a atenção, manifestações de afeto, de alegria são vistas como um estímulo positivo pelas mulheres que referem assim mais força e segurança em seguir amamentando (MULLER; SILVA, 2009). O sucesso para amamentação não depende da presença do pai, mas sua atitude frente a esse processo colabora bastante para uma experiência exitosa (SILVA et al., 2012).

Essa postura pode ser percebida no estudo gaúcho onde, quando participantes das entrevistas os pais nos momentos oportunos de orientação

optavam por sair do ambiente, demonstrando desinteresse pelo assunto, ou mesmo vislumbrando a amamentação como uma prática negativa, que o exclui dos cuidados com seu filho, demonstrando-se daí pouco colaborativo, incomodado, inferior, deslocado e até mesmo incompetente por acreditar não poder participar deste processo já que quem amamenta é a mãe (PRATES et al., 2015). Ainda neste estudo temos também uma crítica aos serviços de saúde quanto a facilitar a presença do pai no pré-natal, parto e puerpério, esse acesso é visto como raramente possível e essa postura dificulta ainda mais a inclusão da figura paterna no aleitamento (PRATES et al., 2015).

O homem já dificilmente tem liberação do trabalho para participar das consultas e exames do pré-natal, junto desta dificuldade trabalhista tem o fato destes procedimentos ocorrerem em horário comercial, quando a maioria dos envolvidos, não apenas o pai está também trabalhando.

No presente estudo muitas foram as formas citadas pelas quais as mulheres sentiram-se apoiadas por sua rede de apoio domiciliar para o aleitamento materno, sob o ponto de vista delas esse apoio é um fenômeno social que compreende várias ações oferecidas integralmente conforme suas necessidades e a realidade em que estão inseridas, conferindo-lhes oportunidade e condições físicas e emocionais para aleitar (MULLER; SILVA, 2009). Muitas são as razões que fazem as nutrizes buscar sua rede de apoio domiciliar enquanto amamentam: a) apoio material/econômico, b) auxílio nas tarefas domésticas, c) ajuda para cuidar da criança, essa ação pode referir-se tanto no cuidado com o recém-nascido, como também no cuidado com filhos mais velhos que não podem ser esquecidos neste processo e são mais uma preocupação para as mães, d) o poder contar com alguém, uma companhia para dividir as preocupações do dia-a-dia, dúvidas e angústias, e) manter um relacionamento social familiar, f) trocar experiências e g) obter apoio emocional (FUJIMORI et al., 2010; MAZZA et al., 2015; MORGADO et al., 2013).

Vale resaltar que no estudo paulista as mulheres que o compuseram referiram que receberam apoio domiciliar de sua rede social para cuidar dos seus filhos, mas não obtiveram em nenhum momento apoio para conciliar suas atividades profissionais com a amamentação e/ou garantia de cuidados a seus filhos no período em que não estiverem no lar (MULLER; SILVA, 2009). Esse relato aponta um fator de risco para o aleitamento materno exclusivo até o sexto mês, pois se a mulher não tem apoio no retorno as suas atividades laborais ela vai impreterivelmente buscar outra forma de alimentar seu filho que não seja apenas o seu leite, pois bem provavelmente essa criança passará a frequentar uma escola de educação infantil ou algo do gênero.

Ainda é um desafio estabelecer o processo de fusão da atenção à saúde aos diferentes membros de uma rede social (SILVA et al., 2012), mas é preciso identificar as pessoas do cotidiano que compõem essa rede para que elas possam contribuir durante o período de amamentação (SOUZA et al., 2009), também é de fundamental importância conhecer os saberes e as experiências destes que compõem essa rede de apoio domiciliar para o aleitamento materno, para que assim possamos realizar ações que possibilitam às nutrizes superar os obstáculos que surgirem e assim viver plenamente o seu amamentar (PRATES et al., 2015).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muitas são as estratégias que estão sendo adotadas para incentivar as mulheres a praticarem o aleitamento materno, mas essa não é uma decisão



individual, pois para que a nutriz desenvolva essa tarefa ela precisa do apoio das pessoas de sua rede social que a influenciarão conforme as crenças e costumes da família e sociedade em que está inserida.

Inúmeras são as influências a que a mulher está exposta, principalmente quando se trata de aleitamento materno. Observa-se que a vida em sociedade, faz com que as pessoas opinem indiscriminadamente no cotidiano uns dos outros, algumas vezes esse fato pode auxiliar a mulher em seus anseios, mas, em contrapartida, a orientação inadequada prejudica o processo. Infere-se que é a família a maior provedora de influências e apoio as nutrizes e, neste contexto, destacam-se: as avós, que são uma fonte muito grande e ativa de apoio e incentivo, mas nem sempre tiveram boas experiências, nem boas orientações ao amamentarem seus filhos e isso pode fazer com que elas julguem o aleitamento materno desnecessário e ineficaz e estimulam a nutriz a não amamentar ou a complementar; e os pais que embora muitas vezes passivo no processo de amamentação faz toda a diferença para a mulher que amamenta ser apoiada para essa ação, o suporte paterno demonstrou-se como fundamental tanto para a implementação quanto para a manutenção do aleitamento.

O presente estudo demonstrou a ocorrência da formação das redes de apoio para o aleitamento materno, não apenas no âmbito secundário como já era esperado, mas também no primário, domiciliar, familiar, onde vários são os personagens apontados como executores deste apoio através principalmente na execução das atividades domésticas, nas trocas dos saberes e nos cuidados com os filhos. As interações dentro da rede vão ocorrendo conforme os desafios vão surgindo, iniciam já no pré-natal com as dúvidas e os preparativos e transcorrem todo o amamentar, pois a cada etapa uma nova inquietação aparece.

Para os profissionais da saúde é imprescindível conhecer quem compõe essa rede de apoio domiciliar para o aleitamento materno, bem como trazê-los para os serviços de saúde com o intuito de conhecer suas experiências, suas influências e trabalhar para que sejam nossos aliados no incentivo a amamentação da forma como é preconizada, aleitamento materno exclusivo até os seis meses e depois complementado por pelo menos até os dois anos da criança.

## REFERÊNCIAS

ANGELO, Bárbara Helena de Brito et al . Práticas de apoio das avós à amamentação: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil**, Recife , v. 15, n. 2, p. 161-170, jun. 2015.

FALEIROS, Francisca Teresa Veneziano; TREZZA, Ercília Maria Carone; CARANDINA, Luana. Aleitamento materno: fatores de influência na sua decisão e duração. **Revista de Nutrição**, Campinas , v. 19, n. 5, p. 623-630, out. 2006 .

FUJIMORI, Elizabeth et al. Aspectos relacionados ao estabelecimento e à manutenção do aleitamento materno exclusivo na perspectiva de mulheres atendidas em uma unidade básica de saúde. **Revista Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 14, n. 33, p. 315-327, jun. 2010 .

MACHADO, Ana Rita Marinho; NAKANO, Ana Márcia Spanó; ALMEIDA, Ana Maria de and MAMEDE, Marli Villela. O lugar da mãe na prática da amamentação de sua filha nutriz: o estar junto. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília , v. 57, n. 2,

pp: 183-187, abr. 2004 .

MACHADO, Márcia Maria Tavares; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. **Compreendendo a prática do aleitamento exclusivo: um estudo junto a lactantes usuárias da rede de serviços em Fortaleza, Ceará, Brasil.** Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil; v.8, n.2, pp: 187-196, jan.-mar. 2008.

MACHADO, Mariana Campos Martins; ASSIS, Karine Franklin; OLIVEIRA, Fabiana de Cássia Carvalho; RIBEIRO, Andréia Queiroz; ARAUJO, Raquel Maria Amaral; CURY, Alexandre Faisal; PRIORE, Sílvia Eloiza; FRANCESCHINI, Sílvia do Carmo Castro. Determinantes do abandono do aleitamento materno exclusivo: fatores psicossociais. **Revista Saúde Pública**; v.48, n.6, pp: 985-994, dez. 2014.

MARQUES, Emanuele Souza et al . Rede social: desvendando a teia de relações interpessoais da nutriz. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2010.

MAZZA, Verônica de Azevedo; SILVA, Daniel Ignacio da; GONÇALVES, Juliana Bertolin; MANTOVANI, Maria de Fátima; TARARTHUCH, Rafaela Zilli Palmeiro. **Representações sociais da nutriz adolescentes sobre a amamentação.** Rev. pesqui. cuid. fundam. (Online); 7(2): 2405-2414, abr.-jun. 2015.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVAO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto - Enfermagem**, Florianópolis , v. 17, n. 4, p. 758-764. Dez. 2008.

MORGADO, Caroline Maria da Costa; WERNECK, Guilherme Loureiro; HASSELMANN, Maria Helena. Rede e apoio social e práticas alimentares de crianças no quarto mês de vida. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro , v.18, n.2, p. 367-376, fev. 2013 .

MULLER, Fabiana Swain; SILVA, Isilia Aparecida. Representações sociais de um grupo de mulheres / nutriz sobre o apoio à amamentação. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 5, p. 651-657, out. 2009.

OMS, Organização Mundial da Saúde. Organização (Genebra), Pan- americana de Saúde. **Amamentação.** [internet]. Genebra, 2003. Disponível em: <http://www.opas.org.br/sistema/fotos/amamentar.pdf>. Acesso em: 16 de julho de 2018

PRATES, Lisie Alende; SCHMALFUSS, Joice Moreira; LIPINSKI, Jussara Mendes. Rede de apoio social de puérperas na prática da amamentação. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 19, n. 2, p. 310-315, jun. 2015.

SILVA, Amanda Fernandes da; PEIXOTO, Marcus Valerius da Silva ; ROCHA, Michelle Carolina Garcia da. Situação do aleitamento materno em uma população assistida pela estratégia de saúde da família. **Revista Baiana de Saúde Pública**; v.35, n.2, abr.-jun. 2011.

SILVA, Bruna Turaça; SANTIAGO, Luciano Borges; LAMONIER, Joel Alves. Apoio paterno ao aleitamento materno: uma revisão integrativa. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo , v.30, n.1, pp: 122-130, 2012.

SOUZA, Maria Helena do Nascimento; SOUZA, Ivis Emília de Oliveira; TOCANTINS, Florence Romijn. Abordagem da Fenomenologia Sociológica na investigação da mulher que amamenta. **Revista de Enfermagem UERJ**; v.17, n.1, jan.-mar. 2009.

SUSIN, Lulie RO; GIUGLIANI, Elsa RJ; KUMMER, Suzane C. Influência das avós na prática do aleitamento materno. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 141-147, abril de 2005.

WHO, World Health Organization. **Guideline: protecting, promoting and supporting breastfeeding in facilities providing maternity and newborn services**. World Health Organization 2017. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/259386/9789241550086-eng.pdf;jsessionid=01C7F33FA1F61CE1EABF3BC4A18E235C?sequence=1>. Acesso em: 08 de setembro de 2018.

## SOBRE OS AUTORES

Carolina Melo Römer – (*Mestre em Ensino na Saúde, UFCSPA, 2016; Especialista em Saúde Coletiva, IFRS, 2019; Bacharel em Enfermagem, UFCSPA, 2013*) Enfermeira-Docente na Gerência de Ensino e Pesquisa, Hospital Nossa Senhora da Conceição, Porto Alegre, [carol.romer@ufcspa.edu.br](mailto:carol.romer@ufcspa.edu.br).

Maurício Tavares Pereira – Orientador. Professor (*Mestre em Filosofia, FAJE, 2013; Especialista em Temas Filosóficos, UFMG, 2002; Licenciado em Filosofia, UFMG, 1997*), Instituto Federal Rio Grande do Sul, Alvorada, [mauricio.pereira@alvorada.ifrs.edu.br](mailto:mauricio.pereira@alvorada.ifrs.edu.br).